



REUTERS/FOLHAPRESS

Armas nucleares estão chegando à Finlândia e Lituânia

'Vizinhos' desafiam a Rússia e aceitam armas nucleares da Otan

A Finlândia passou a admitir, nesta quarta-feira (1º), a presença em seu território de armas nucleares da Otan, a aliança militar ocidental na qual ingressou em 2023 após sete décadas de neutralidade ante Moscou. Com isso, o país nórdico abandona um veto assumido em 1987 e mantido como regra não escrita pelas nações vizinhas do antigo império comunista. E não está só: o novo premiê da ex-república soviética da Lituânia, Mindaugas Sinkevicius, assumiu na terça (30) com promessa semelhante. A ex-comunista Polônia havia pedido, antes deles, para que os Estados Unidos estacionassem ogivas nucleares táticas em seu território. A solicitação foi uma resposta ao posicionamento, em 2023, dessas armas de menor potência por parte de Vladimir Putin na aliada Belarus. No dia 17 passado, o Parlamento finlandês aprovou a decisão por 125 a 61 votos.

Resposta será dada de forma política

A chancelaria russa respondeu na segunda (29), dizendo que a medida seria respondida de forma política e com o que Moscou chama de "medidas técnico-militares". Na prática, isso sugere o posicionamento de unidades ofensivas que de todo modo a Rússia já está posicionando perto da fronteira finlandesa. Imagens de satélite mostram que a construção de instalações foi acelerada após a entrada de Helsinque na Otan.

REUTERS/FOLHAPRESS



Moscou afirmou que vai tomar medidas militares

Tensão equivalente ao início da guerra

O termo foi empregado durante as manobras que culminaram na invasão da Ucrânia em 2022, estopim do fim da arquitetura de segurança europeia do pós-Guerra Fria. Esse é o nível de tensão no Leste Europeu. O governo russo também determinou o fechamento das cinco conexões ferroviárias entre seu território e o finlandês, por tempo indeterminado a partir desta quarta. Também fechou uma passagem para a Letônia e outra para a Lituânia. O motivo não foi enunciado e o efeito prático é baixo, já que apenas alguns produtos como fertilizantes passam pelas vias.

Desabastecimento devido às ações

Sanções cortaram praticamente todo o comércio entre os países, e o tráfego de passageiros foi suspenso desde o início da guerra. A tensão tem sido elevada pela renovada campanha de ataques ucranianos a refinarias russas, que levou o Kremlin a cogitar uma impensável importação de derivados de petróleo como gasolina. Putin admitiu, no domingo (29), que o país enfrenta desabastecimento devido às ações. **Por Igor Gielow (Folhapress)**

Terremotos na Venezuela

O número de mortes confirmadas em decorrência dos dois terremotos que atingiram a Venezuela há uma semana aumentou para 2.295, informou nesta quarta-feira (1º) o regime do país.

Ainda segundo as autoridades, mais de 11 mil pessoas ficaram feridas, e outras 12.841 estão desalojadas.

Jorge Rodríguez

As informações, como tem sido praxe, foram transmitidas pelo presidente da Assembleia Nacional, Jorge Rodríguez, nome forte do chavismo e irmão da líder interina do país, Delcy Rodríguez. Ele tem sido o responsável por divulgar os boletins sobre a tragédia. Na terça-feira (30), as autoridades tinham contabilizado 1.943 mortos e 10.571 feridos.

Aumento de mortos

O novo levantamento, portanto, registra um acréscimo de 352 mortes confirmadas em um dia. As estatísticas ainda devem piorar. As Nações Unidas estimam que até 50 mil pessoas possam estar desaparecidas, o que indica que o número de vítimas deve aumentar à medida que as equipes de resgate avançam com as operações em edifícios em ruínas.

Sacos de cadáveres

Na segunda-feira (29), o coordenador humanitário da ONU na Venezuela afirmou que o órgão estava comprando 10 mil sacos para armazenamento de cadáveres.

Desde os dois tremores, de magnitudes 7,2 e 7,5, registrados com alguns segundos de diferença na quarta-feira da semana passada, foram contabilizadas mais de 600 réplicas.

La Guaira

Apesar de provocar apreensão entre os moradores, os abalos não causaram mais danos significativos. O estado mais afetado é La Guaira, próximo à capital Caracas, onde têm se concentrado os esforços de resgate de sobreviventes e retirada de corpos. Parte dos venezuelanos critica a resposta do regime, considerada insuficiente.

Delcy Rodríguez

Delcy Rodríguez escreveu no X que as autoridades continuam prestando assistência às vítimas e supervisionando os trabalhos de recuperação. "Sei que muitos venezuelanos sentem dor e frustração. Compartilho profundamente desses sentimentos", escreveu ela. "A Venezuela tem a alma dilacerada pelas perdas humanas causadas pelos devastadores terremotos."



Americanos buscam garantir fluxo livre no Estreito de Hormuz nas negociações

EUA e Irã entram em novas negociações por acordo de paz

Irã quer reconhecimento de seu controle sobre o estreito de Hormuz

Folhapress

Estados Unidos e Irã realizam negociações técnicas em Doha, capital do Qatar, nesta quarta-feira (1º), na tentativa de chegar a um acordo sobre o tráfego marítimo pelo estreito de Hormuz e garantir um cessar-fogo duradouro, segundo uma fonte com conhecimento direto do caso e uma autoridade iraniana. Jared Kushner, genro do presidente dos EUA, Donald Trump, e o enviado Steve Witkoff se reuniram com o primeiro-ministro do Qatar —mediador ao lado do Paquistão— para preparar o terreno para as conversas, mas não participariam das discussões propriamente ditas, disse a fonte.

O vice-ministro das Relações Exteriores do Irã, Kazem Gharibabadi, anunciou na tarde desta quarta que a reunião de negociação foi encerrada. Os participantes concordaram que "um canal de comunicação será estabelecido até amanhã" para relatar e registrar violações do memorando, informou a agência de notícias estatal Irna, citando Gharibabadi.

As negociações se baseiam em um acordo provisório de 14 pontos assinado no mês passado, que tinha como objetivo interromper a guerra iniciada com os ataques dos EUA e de Israel ao Irã em fevereiro e rea-

brir Hormuz, ao mesmo tempo em que estabelecia um prazo de 60 dias com vistas a um acordo de paz permanente.

No entanto, EUA e Irã têm discutido publicamente sobre o significado do pacto provisório, o que levou a ataques recíprocos na última semana.

O Irã está determinado a obter reconhecimento internacional de seu controle sobre o estreito e de sua capacidade de cobrar taxas dos navios que entram ou saem do Golfo, mesmo que tenha que fazê-lo à força, afirmaram duas fontes iranianas de alto escalão nesta quarta.

O tráfego foi parcialmente retomado pelo estreito, que antes da guerra era responsável por um quinto do comércio global de petróleo e gás natural liquefeito.

As negociações em Doha foram estruturadas em sessões entre os principais negociadores e especialistas, disse a fonte com conhecimento das negociações. O Irã declarou publicamente que suas prioridades incluem chegar a um acordo sobre a gestão do estreito e a liberação de US\$ 6 bilhões (R\$ 31 bilhões) em ativos iranianos congelados, e a autoridade iraniana afirmou que a rodada de discussões se concentraria nessas duas questões. A prioridade dos EUA é garantir o livre fluxo de tráfego pelo estreito.